

O MEIO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: UM ESTUDO SOBRE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS E CLARA DOS ANJOS*¹

*THE MESOLOGY THEORY IN NARRATIVE: A STUDY OF MEMÓRIAS
PÓSTUMAS E CLARA DOS ANJOS*

*Cinthia Tragante*²

RESUMO: Este artigo procura compreender a presença do espaço urbano e suas relações com as teorias higienistas e do meio como formador nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Difundidas inicialmente na Europa, as teorias higienistas e do meio como formador do indivíduo eram, principalmente durante o século XIX, bastante presentes na literatura específica científica, como na medicina, e, posteriormente, foram apropriadas pelos estudiosos do urbano, sendo aplicadas na reformulação das cidades. No Brasil, tais teorias também foram utilizadas nas novas construções e reformas urbanas, tal como no Rio de Janeiro, cidade retratada em tais romances e cenário através do qual os escritores aqui analisados compõem seus enredos. O trabalho procura mostrar como a construção da narrativa nesses romances se utiliza dos espaços da cidade de maneira análoga àquela pregada pelas teorias científicas do meio como formador do indivíduo, ou seja, como o meio é presente e formador da trama narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Lima Barreto; Rio de Janeiro; teorias higienistas.

ABSTRACT: *This work aims to understand the presence of the urban space and its relations with the medical theories and the mesology theory in the novels *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, written by Machado de Assis, and *Clara dos Anjos*, written by Lima Barreto. The medical and mesology theories were first spread in Europe, mainly during the 19th century. They were very present in the specific scientific literature, in medicine, and were later owned by the urban scholars, being used in city planing. In Brazil, these theories were also used in new constructions and urban reforms, like in Rio de Janeiro, a city portrayed in the aforementioned novels and setting of the plots. This work seeks to show how the narrative construction in these novels uses the city spaces in an analogous way of these scientific theories, that is, how the environment is present and grounds the narrative.*

KEYWORDS: *Machado de Assis; Lima Barreto; Rio de Janeiro; medical theories.*

1 Este artigo é parte resultante de pesquisa de Mestrado (*Rio em obras: habitação e urbanismo em Machado de Assis e Lima Barreto*) desenvolvida sob a orientação da prof. Dr. Telma de Barros Correia, no IAU-USP, com financiamento da FAPESP.

2 Mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo (2014) e Doutoranda pelo IAU-USP. cinthiatragante@gmail.com

O século XIX, principalmente as suas últimas décadas, e início do XX são períodos marcantes na história da arquitetura e do urbanismo brasileiros pelas diversas transformações que ocorreram nas cidades e na arquitetura das moradias. De modo geral, durante o XIX, diversas teorias relacionadas à medicina e engenharia foram formuladas e estudadas com o intuito de melhoria do espaço urbano e residencial.

No Brasil, durante esse período, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, se transformava quanto à sua configuração urbana, social e sua arquitetura, inclusive habitacional. As mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais que então se manifestavam mais claramente estavam, em grande parte, atreladas a ocorrências históricas marcantes como a vinda da família real e o aumento populacional, a independência do país, o declínio do regime escravocrata – que passou a exigir novas infraestruturas urbanas e adequação da residência em função da ausência ou diminuição da mão de obra escrava – e a ascensão da economia cafeeira e o desenvolvimento que desencadeou.

Desse modo, de colonial no início do XIX, o Rio de Janeiro passa a uma cidade de maior população e complexidade urbana no início do XX, evidenciando, inclusive, as contradições sociais nela presentes através de uma estrutura espacial estratificada, marcada pela elite ocupando a orla e o crescimento suburbano absorvendo as camadas sociais menos favorecidas.

Em linhas gerais, as teorias científicas médicas então difundidas naquele período pautavam pela salubridade das habitações e da cidade, melhora das condições de moradia dos operários, visando o seu melhor desempenho, e buscavam combater a desordem, falta de higiene, precariedade e demais práticas associadas às camadas sociais menos favorecidas.

Em uma cidade em constante transformação socioespacial, as teorias científicas higienistas foram rapidamente absorvidas pelos engenheiros e pela administração pública, sendo colocadas em prática como, por exemplo, sob a forma das reformas urbanas.

Dentro desse contexto de transformações temos os dois romances a serem analisados: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, com seu enredo ambientado em meados do XIX e tendo como cenário as áreas centrais e da zona sul da cidade, que trata criticamente das contradições de uma elite em formação em um país e uma cidade que buscavam a modernização; e *Clara dos Anjos* (1922), de Lima Barreto, ambientado nos subúrbios cariocas e que busca discutir a nítida segregação socioespacial que havia se instalado na cidade carioca. Assim, embora, de maneira geral, os dois romances tratem do Rio de Janeiro, são narrados em espaços bastante distintos, sintetizando as contradições socioespaciais do Rio de Janeiro nesse conturbado período.

Diante disso e a partir da leitura comparativa dos romances, busca-se compreender a maneira como essas teorias e transformações estão presentes nessas obras literárias. Procura-se avaliar a importância e o papel que as descrições urbanas apresentam dentro da narrativa, na construção do enredo e dos personagens, compreendidos sob a influência das teorias científicas do período.

OS ROMANCES E SEUS ESCRITORES

Os romances que aqui serão analisados fazem parte de dois momentos distintos segundo a crítica literária de modo geral. Bastante polêmico na época, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, faz parte dos romances considerados realistas.³ *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, por sua vez, é publicado em 1922, após a morte do escritor. Esse romance, no entanto, teria sido iniciado nos primeiros anos do XX e trabalhado desde então pelo escritor, passando inclusive por diversas modificações, sendo considerada uma obra pré-modernista, assim como seu autor.

A obra *Memórias póstumas* faz parte, então, da literatura oitocentista realista. O realismo ficcional, segundo Bosi, “se entende pela preferência dada agora aos ambientes urbanos e, em nível mais profundo, pela não identificação do escritor” (BOSI, 2006, p. 172) em detrimento dos assuntos ligados aos romances e conflitos cotidianos que predominavam no estilo literário anterior – o romântico. Desse modo, frente às mudanças físicas e sociais que ocorriam nos ambientes urbanos, dentro de um cenário histórico traumatizado por inquietações políticas, sociais e econômicas, a literatura brasileira atinge, nas últimas décadas do século XIX, o ponto de maturidade, em parte pela densidade das obras produzidas (MOISÉS, 2001, p. 20), com problemáticas mais complexas e com certo nível crítico, embora preservado sob a visão realista analítica e sem interferência pessoal do escritor. Dentro desse contexto, Machado de Assis é considerado como o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira (BOSI, 2006, p. 174).

Mas além de ser classificado como romance realista, *Memórias póstumas* é emblemático em seu estilo irônico e ousadia, recursos os quais Machado utiliza de forma aberta para criticar constantemente a sociedade elitista ascendente no contradiatório Rio de Janeiro (e Brasil) oitocentista. Sobre este romance, Facioli, coloca

3 De maneira geral, o que se observa entre a crítica literária é que Machado de Assis tem suas obras divididas em dois grandes momentos: o primeiro período considerado com características românticas inicia seus trabalhos e se estende até a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881, e a partir de então, são fortalecidos os traços realistas na sua produção literária, constituindo o segundo momento.

que, utilizando recursos como a extravagância, o amalucamento e o cinismo do personagem principal, Brás Cubas, Machado cria efeitos retóricos:

[...] com a finalidade de dar ênfase e satirizar o funcionamento anômalo e mesmo criminoso daquela sociedade, cuja normalidade, portanto era *estrambótica, perversa e amalucada*. É o efeito artístico de grande novidade e vivacidade para pôr a nu o caráter da modernização do atraso nacional e do nosso moderno atrasado, em cuja expressão Brás Cubas tanto revela sua superioridade quanto sua humilhação, resultando de ambas um quadro muito eficaz de autodenúncia do Brasil pela voz de sua camada letrada e esclarecida. (FACIOLI, 2008, p. 136)

A preocupação social na literatura tende a se manifestar mais claramente no início do século XX, durante o chamado Pré-modernismo, caracterizado pela clara problematização da realidade social e cultural, mas ainda vinculado, de certa forma, ao estilo formal do momento literário anterior, trazendo à tona as críticas à República Velha e às contradições sociais existentes no país:

As duas primeiras décadas deste século [XX] experimentaram a vigência e o predomínio de correntes realistas de nítidas intenções sociais. Inspiradas nas linhagens intelectuais características da *Belle Époque* – utilitarismo, liberalismo, positivismo, humanitarismo – faziam assentar toda a sua energia sobre conceitos éticos bem definidos e de larga difusão em todo este período. (SEVCENKO, 1989, p. 22)

Nesse contexto se encontra o romance de Lima Barreto, um dos escritores que melhor fez a crítica social através da literatura no início do século XX, com significativos elementos para a elucidação, quer das tensões históricas cruciais do período, quer dos seus dilemas culturais (SEVCENKO, 1989, p. 23).

Clara dos Anjos, entre seus romances é, como coloca Lúcia Miguel Pereira, o “mais suburbano, o único rigorosamente suburbano dos romances desse grande escritor que quis ser – e foi – o cronista de seus muito amados subúrbios” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 313).

Ambos romances denunciam e buscam apontar as alterações sociais que estavam ocorrendo no Rio de Janeiro, fazendo isso, porém, de formas distintas, focando em ambientes e personagens caracterizados de maneiras opostas.

Ainda vale apontar que romances oitocentistas ligados ao naturalismo tomam como pressuposto parte destas teorias que circulavam em outros campos de conhecimento, resumidas na questão da influência do meio nos indivíduos. Antonio Dimas assinala que tais romances possuem campo extraordinário para pesquisa do espaço (DIMAS, 1994, p. 48). Os romances aos quais se refere são aqueles em que tal pressuposto fica claramente colocado, como os de Aluísio de Azevedo, obras nas quais a influência do meio é o tema principal.

Machado ou Lima não são considerados pelos críticos literários, como vimos, escritores naturalistas. Portanto, a influência do meio, da maneira como é vista pelos naturalistas não parece ser a temática central de suas obras. Este trabalho procura mostrar, no entanto, que tais questões perpassam as obras, ainda que não seja o foco temático dos romances.

AS TEORIAS NA TRAMA NARRATIVA

Em uma leitura geral, a associação entre meio e indivíduo, que se difunde no século XIX, parece pautar a construção do romance mais suburbano de Lima Barreto, *Clara dos Anjos*. Aqui, busca-se analisar essa característica de forma comparativa com um romance de Machado, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o qual melhor sintetiza o contexto da elite carioca.

Todo o romance *Clara dos Anjos* é criado através de vários personagens típicos do subúrbio: trabalhadores com várias ocupações, malandros, vagabundos, donas de casa etc. Permeando toda a narrativa, em diversas passagens, Lima Barreto introduz descrições dos ambientes suburbanos, de seus bairros, costumes e cotidiano, e vai construindo os personagens e suas ações através do espaço em que se colocam. Em algumas passagens da obra, o autor explicita essa associação:

Estendia essa sua confiança à sua mulher, no que tinha razão; mas não à filha, como fazia, porque, no tocante a esta, precisava contar com a crise da idade, a estreiteza de sua educação doméstica e a *atmosfera de corrupção com que o meio a envolvia*, admitindo tacitamente que ela estava fadada ao destino das “outras”. (BARRETO, 2006, cap. VIII, p. 711; grifo meu)

Tanto parece ser este o mote da narrativa de Lima Barreto que *Clara dos Anjos* em sua primeira versão – inacabada e escrita em 1904 – não se passa todo no subúrbio. Na versão inicial, a família de Clara vive em uma rua entre Rio Comprido e Catumbi, bairros populares mas ainda próximos ao centro da cidade, sendo o romance construído, entretanto, com as mesmas ações (BELCHIOR, 2011, p. 157). Desse modo, podemos intuir que Lima Barreto avalia posteriormente que o subúrbio seria mais propício para as ações que ocorrem no romance – ligadas à imoralidade, aos vícios, à falta de trabalho e à pobreza em geral – por se constituir em *locus* principal da moradia do pobre na cidade.

Em vários momentos, a construção dos personagens na narrativa parece ser pautada pelo ambiente. Como exemplo, temos a casa de Marramaque. Esse personagem é colocado pelo autor como um homem humilde, bom e honesto (BARRETO, 2006, cap. IX, p. 724) e sua casa, organizada e limpa, reflete essa sua personalidade:

A sua casa era inteiramente o contrário da de Meneses. Estava sempre limpa, móveis em ordem, completamente cercada, o jardimzinho da frente bem tratado. Helena, a tia de Marramaque, era muito metódica e econômica, de forma que a vida doméstica do sobrinho era regular e plácida. Ela costurava para os arsenais do governo e, com o que Marramaque lhe dava dos seus exíguos vencimentos, a vida deles corria sem contratempos. (BARRETO. 2006, cap. IX, p. 723)

Em Machado, também podemos observar alguma relação entre o personagem e o ambiente em que ele está, mas, no caso de Brás Cubas a relação parece estar invertida. Não é o ambiente que reflete o personagem, mas sim o personagem – o mimado Brás Cubas – que qualifica demasiadamente o ambiente em que se encontra, como na descrição de sua estada na sua chácara da Tijuca, em que se percebe inclusive o intenso sentimento de posse sobre tudo:

Trouxeram-nos café; era uma hora da tarde, estávamos na minha sala de estudo, uma bela sala, que dava para o fundo da chácara, bons livros, objetos d'arte, um Voltaire entre eles, um Voltaire de bronze, que nessa ocasião parecia acentuar o risinho de sarcasmo, com que me olhava, o ladrão; cadeiras excelentes; fora, o sol, um grande sol, que o Quincas Borba, não sei se por chalaça ou poesia, chamou um dos ministros da natureza; corria um vento fresco, o céu estava azul. De cada janela, – eram três – pendia uma gaiola com pássaros, que chilreavam as suas óperas rústicas. Tudo tinha a aparência de uma conspiração das coisas contra o homem: e, conquanto eu estivesse na minha sala, olhando para a minha chácara, sentado na minha cadeira, ouvindo os meus pássaros, ao pé dos meus livros, alumiado pelo meu sol, não chegava a curar-me das saudades daquela outra cadeira, que não era minha. (ASSIS, 2006, cap. CXL, p. 628)

Dentre as teorias difundidas da influência do meio no indivíduo existia a ideia de que, uma vez tendo como única opção um espaço desconfortável e insalubre dos ambientes pobres e sujos, os trabalhadores e demais indivíduos acabavam por buscar lazer em espaços como nos bares, bordéis e locais promíscuos de maneira geral. Beguin cita um trecho de um relatório sobre as condições sanitárias de Londres, de 1842, que afirma que:

A influência imoral da sujeira e do desconforto nunca foi suficientemente levada em consideração. Esta influência é antissocial no mais alto grau, o estado miserável de sua casa é uma das causas essenciais que conduz um homem a gastar seu dinheiro em prazeres egoístas: ele entra em casa esgotado, aspira à tranquilidade, tem necessidade de repousar: a sujeira, a miséria, o desconforto sob todas as formas o cercam, ele só deseja então ir embora, se puder [...]. (CHADWICK apud BEGUIN, 1991, p. 40)⁴

4 A referência completa do relatório citado por Beguin (1991) é: CHADWICK, Report to her Majesty's principal secretary of state for the home department from the poor law commissioners on the inquiry into the sanitary condition of the labouring population of G. B., London, 1842. Embora o texto trate de Londres, as ideias foram aqui no Brasil apropriadas de maneira similar.

No Brasil, logo após a abolição e, portanto, no momento que as classes mais altas temiam o ócio dos escravos libertos, começa a se difundir o conceito de “classe perigosa”, ligada à classe pobre. Inclusive naquele momento estava em pauta um projeto de lei sobre a repressão da ociosidade (CHALHOUB, 1996, p. 20). Isso porque, assim como na Europa, associava-se o ócio aos vícios e à falta de moralidade.

Essa associação também permeia todo o romance *Clara dos Anjos*, sendo frequentes os episódios que se passam em um bar onde diversos personagens sempre se encontram. O alcoolismo é o vício mais presente no romance, associado à ideia da fuga à vida difícil que os personagens levavam. Exemplo disso é a seguinte passagem que explica como Mme Bacamarte havia chegado ao seu estado de vida desgraçada:

Ao fim deles, devido a reveses, o marido começou a emborrar com ela, a atribuir-lhe toda a sua desgraça, a espancá-la, mas dando alguma coisa com que ela se sustentasse e aos filhos. Já bebia, o marido dela; e, por esse tempo, fazia-o sem método nem medida. Bebia a mais não poder, em casa, nos botequins, em toda a parte. Faltava à oficina para beber. Rosalina “pegou” o vício do marido e, do pouco dinheiro que ele lhe dava ou com o seu trabalho obtinha, comprava parati. O marido devia seis meses de casa - um modesto barracão de madeira, com uma sala, um quarto e um pequeno adendo para a cozinha. (BARRETO, 2006, cap. V, p. 676)

Também Meneses, o dentista de Clara que é cúmplice de suas cartas com Cassi e se sente culpado ao longo do enredo por possibilitar essa comunicação – que ao final do romance resultará na desgraça de Clara – bebe diariamente, havendo diversas passagens, como a que se segue. A passagem trata de sua relação com o álcool, sendo o personagem descrito pelo próprio Cassi como um “velho, alquebrado, necessitado, viciado na bebida, sem dinheiro” (BARRETO, 2006, cap. VII, p. 696):

– Antunes, dá uma garrafa de “cachaça” – “cachaça”, estás ouvindo? – “cachaça”! – dá uma garrafa de “cachaça” para o nosso querido Meneses espantar as suas mágoas. Quando Meneses apareceu em casa, a irmã foi-lhe logo dizendo:
– Juca, foi bom você aparecer. Estou sem dinheiro para carvão, farinha e querosene. O que você deu não chegou... Fui comprar carne-seca - lá se foi todo o dinheiro. O velho Meneses, semiembriagado, já sem decidir perfeitamente, tirou os cinco mil-réis que estavam escondidos na algibeira e destinados a Flores, juntou mais dez tostões e disse para a irmã:
– Tens aí seis mil-réis até segunda-feira. Mana, você até lá não tem direito de me pedir mais dinheiro. Hoje é sexta-feira, temos sábado e domingo garantidos. Bebeu um cálice do parati que trouxera, deitou-se e tentou ler os jornais que os rapazes lhe deram; mas não pôde. O sono o tomou até à hora do jantar. Quando abriu os olhos e se lembrou de ter dado os cinco mil-réis, destinados a Flores, em troca de versos, aborreceu-se um pouco; mas pensou e fez de si para si: Eu me arranjo. Comeu bem e, enquanto houve luz do sol, leu e releu os jornais que tinha; quando veio a noite, continuou a lê-los, sempre bebericando aguardente. (BARRETO, 2006, cap. VII, p. 703)

Já em Machado, passagens com práticas que envolvem o consumo de bebida e a sexualidade desregrada são tratadas de forma diferente, associadas à juventude e, em parte, assim como em outros aspectos da narrativa, permeadas pela visão de Brás Cubas, como no trecho:

Três dias depois perguntou-me meu tio, em segredo, se queria ir a uma ceia de moças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela. O Xavier, com todos os seus tubérculos, presidia ao banquete noturno, em que eu pouco ou nada comi, porque só tinha olhos para a dona da casa. Que gentil que estava a espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres, – todas de partido –, e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola... O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me levou a fazer uma coisa única; à saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante, e tornei a subir as escadas.

– Esqueceu alguma coisa? perguntou Marcela de pé, no patamar.

– O lenço.

Ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim, e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que descí outra vez as escadas, veloz como um tufão, e incerto como um ébrio. (ASSIS, 2006, cap. XIV, p. 533-534)

A passagem acima faz referência a dois aspectos preocupantes na visão de observadores da época: a sexualidade e o alcoolismo. No entanto, tratando-se de Brás Cubas, ou seja, da elite, ambos são colocados com naturalidade, não conotados como atos imorais. Marcela, prostituta da elite, é descrita como uma espanhola cheia de graça com a qual Brás possui mais adiante um caso amoroso.

À imoralidade também era associada a sexualidade exacerbada. Quanto a isso, Beguin também comenta que, de acordo com os relatórios e teorias, “o que o conforto traz [...] é uma possibilidade de trocas afetivas reguladas, o que ele tenta bloquear é o que a promiscuidade favorecia, entre outros, os prazeres sexuais anônimos e fáceis” (BEGUIN, 1991, p. 48).

Nesse sentido, temos o personagem principal de *Clara dos Anjos*, Cassi Jones, cuja caracterização e ações no romance se dão quase totalmente voltadas aos seus desejos sexuais diante de meninas inocentes. A associação não é direta, mas é explícito que o autor atribui ao meio suburbano em que vive a personalidade de Cassi, inclusive porque Cassi é descrito como exemplo típico de malandro dos subúrbios:

Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas.

Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado. (BARRETO, 2006, cap. II, p. 646)

Quanto às habitações presentes nos romances, um exemplo de salubridade dentro dos padrões das teorias higienistas é a casa da Gamboa, onde mora Dona Plácida para encobrir o romance de Brás Cubas e Virgília. Brás Cubas a encontra e a considera perfeita para a ocasião “[...] Um brinco! Nova, caiada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado, — todas com venezianas cor de tijolo, — trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão. Um brinco!” (ASSIS, 2006, cap. LXVII, p. 581). Como se vê, a casa era nova e já era composta com o jardim à frente e aos lados – notam-se as janelas laterais – além das venezianas, elementos essenciais para a boa circulação do ar e salubridade da moradia. Além disso, vale ressaltar que a casa se encontrava na Gamboa, ou seja, não era uma casa suburbana nem operária. Ainda que quem more nela seja Dona Plácida, uma personagem marcada pela pobreza e vida difícil, o seu verdadeiro dono é Brás Cubas, o personagem caricato da elite.

Em contraposição temos a casa suburbana de Meneses, de *Clara dos Anjos*, em que parece haver uma aspiração do dentista a torná-la mais atraente, mas que resulta em constantes frustrações:

Não hesitou e tomou os atalhos, que conhecia bem; e, quase por instinto, os seguia até à sua residência. Ficava esta numa campina nua; e só era cercada na frente, toscamente, e, do lado direito, graças ao vizinho. Tinha um cajueiro mofino, que disfarçava a casinha e dava uma escassa sombra à torneira d’água, onde a irmã lavava roupa, de casa e de fora. De onde em onde, Meneses cismava em plantar algumas árvores de rápido crescimento, para sombra; mas lá vinham os cabritos da vizinhança e matavam-lhe os brotos. A muito custo, conseguiu fazer um caramanchão tosco com que ensombrasse a sala de jantar, onde dormia, e que se prestasse a cozinha, nos dias normais. A casa só tinha dois aposentos iguais, que se comunicavam por uma porta. Não fora a rua, não teria frente nem fundos, tão semelhantes eram essas extremidades dela. (BARRETO, 2006, cap. VII, p. 700-701)

No trecho da casa da Gamboa, vemos como as novas concepções de moradia, pautadas pelas diretrizes de higiene, conforto e moral se tornam evidentes formalmente, isto é, a concepção espacial da casa é feita a partir das teorias médicas e higienistas que estavam em vigor. A princípio, essas teorias não se preocupavam diretamente com as mudanças formais na cidade, mas a partir delas é que os ambientes tradicionais urbanos e das moradias foram se modificando, isto é, o desenvolvimento de um campo do saber, da medicina, alterou, gradativamente, outro campo, o das questões urbanas e habitacionais. A preocupação com problemas típicos de grandes centros urbanos como alcoolismo, prostituição, falta de moradia, entre outros, se difundiu não só no âmbito social, mas atrelada à questão urbana e adiante, esta associada às grandes intervenções (MARQUES, 1995, p. 61).

Desse modo, inicialmente, essas teorias estavam mais preocupadas com a saúde e higiene e associavam a casa e os costumes dos pobres como local propício e disseminador de doenças e epidemias, tão preocupantes diante de um contingente populacional em constante crescimento.

Em *Memórias Póstumas*, a relação entre pobreza e doença não aparece explicitamente, mas podemos associá-la. Depois de fracassar com o possível casamento com Virgília, Brás Cubas, vindo de família rica, conhece Eulália “[...] ou mais familiarmente Nhã-loló, moça graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos [...]” (ASSIS, 2006, cap. XCIII, p. 601). Brás Cubas a caracteriza simplesmente com falta de elegância, mas, ao longo do romance, podemos perceber algumas indicações de que ela provinha de uma família mais pobre. Seu pai indica tal posição social quando, em um episódio do livro, fica fascinado pela briga de galo – considerada como atividade ligada aos pobres – causando vexame em sua filha:

O que vexava a Nhã-loló era o pai. A facilidade com que ele se metera com os apostadores punha em relevo antigos costumes e afinidades sociais, e Nhã-loló chegara a temer que tal sogro me parecesse indigno. Era notável a diferença que ela fazia de si mesma; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e polida atraía-a, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família. (ASSIS, 2006, cap. CXXII, p. 619)

É essa mesma Nhã-loló, com quem Brás Cubas tinha um casamento arranjado pela sua irmã, que não vai se juntar à família Cubas, pois falece jovem, por conta da primeira das crises de febre amarela no Rio de Janeiro por volta de 1850.

Durante a epidemia de febre amarela, foram vários os estudos que indicassem uma teoria capaz de explicar seu surgimento: associava-se aos navios de negros que chegavam ao país, às condições da cidade, a contágios feitos pelo ar e a punições religiosas aos homens. Embora não se tivesse exatidão sobre como a doença se propagava, havia várias razões aparentemente plausíveis para as diversas explicações – longe, porém, da descoberta da lógica aleatória do mosquito. O que importa assinalar é que, de maneira geral, tais teorias associavam a propagação da doença com problemas sanitários da cidade e essas mesmas teorias, em grande parte, foram responsáveis pelo arcabouço ideológico básico às reformas urbanas (CHALHOUB, 1996, p. 65). Nesse sentido, ainda que a associação da pobreza com a febre amarela não fosse direta, ela estava agregada às medidas higiênicas recomendadas, as quais, como já foi assinalado, os sanitaristas acreditavam serem faltantes principalmente entre os mais pobres.

A associação do pai de Nhã-loló com um costume ligado aos pobres – a briga de galo – é feita por Machado de Assis de maneira discreta, isto é, o escritor

comenta o fascínio de seu personagem por essa atividade, em uma passagem curta que ocorre em meio a outros acontecimentos no romance, passando quase despercebida. O mesmo costume, no entanto, é colocado no romance de Lima Barreto de maneira clara e evidente, associado ao personagem principal, Cassi, servindo inclusive na composição de seu caráter malandro e aventureiro:

Galos de briga eram a força de suas indústrias e do seu comércio equívocos. Às vezes, ganhava bom dinheiro nas apostas de rinhadeiro, o que vinha ressarcir os prejuízos que, porventura, anteriormente houvesse tido nos dados; e, assim, conseguia meios para saldar o alfaiate ou comprar sapatos catitas e gravatas vistosas. Com os galos, fazia todas as operações possíveis, a fim de ganhar dinheiro; barganhava-os, com “volta”, vendia-os, chocava as galinhas, para venda dos frangos a criar e educar, apresentava pessoas importantes, das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas, contra a polícia e a justiça.

Incapaz de um trabalho continuado, causava pasmo vê-lo cuidar todas as manhãs daqueles horripilantes galináceos, das ninhadas, às quais dava milho moído, triguielho, examinando os pintainhos, um por um, a ver se tinham boubá ou gosma.

Fosse se deitar a que hora fosse, pela manhã lá estava ele atrapalhado com os galos malaios e a sua descendência de frangos e pintos. (BARRETO, 2006, cap. II, p. 651)

Ainda sobre as atividades dos personagens, as suas fontes de renda nos dois romances são algo curioso de se avaliar. Em *Memórias Póstumas*, temos Brás Cubas afirmando ao fim do romance que “não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (ASSIS, 2006, cap. CLX, p. 639), ou seja, Brás Cubas passa a vida inteira vivendo de heranças e rendas, dinheiro da família. Outro personagem de *Memórias Póstumas* é Quincas Borba que, antes mendigo, enriquece através de uma herança. Ou seja, não há, na obra, quase nenhuma incidência de personagens que necessitem de trabalho para sobrevivência.

De maneira totalmente oposta, temos os diversos personagens suburbanos em *Clara dos Anjos*, que buscam diariamente formas de garantir a sobrevivência mínima: o pai de Clara é um carteiro, visto no romance como um emprego público digno; Meneses é um aspirante a engenheiro, mas se torna, por conveniência, um dentista frustrado que vive de fazer pequenos trabalhos e busca conseguir, diariamente, dinheiro para alimentação; além disso, há a descrição de vários personagens secundários que possuem ocupações diversas, como uma passagem que cita dona Vicência, uma senhora que “morava na vizinhança também e vivia de deitar cartas e cortar ‘coisas feitas’” (BARRETO, 2006, cap. IV, p. 666).

Em *Memórias Póstumas*, a associação da decadência moral e financeira à necessidade de trabalho – quase vista como indigna por Brás Cubas – é colocada no romance quando Brás encontra Marcela, decadente e doente, trabalhando em uma relojoaria:

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce, destruíam-lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e aclives, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão singular e repugnante, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava ruço e quase tão poento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhe um diamante. Crê-lo-eis, pósteros? essa mulher era Marcela. (ASSIS, 2006, cap. XXXVIII, p. 557)

De maneira geral, podemos perceber que, de modo ainda mais forte no caso do romance de Lima Barreto, é constante a presença da ideia do meio como formador do indivíduo. As presenças urbanas não são meramente ilustrativas, elas definem a narrativa e mostram a visão denunciativa dos autores. Belchior observa isto em *Clara dos Anjos*:

Muitas análises sobre Clara dos Anjos ressaltam a maneira como os subúrbios são “retratados” e “descritos”, mas que sempre endossam o mito da descrição objetiva, imparcial, “realista”, como que feita por um observador neutro e captada através de uma forma de linguagem – a literária – que flutua sobre as relações sociais, como se elas não fizessem parte. (BELCHIOR, 2011, p. 158)

Ou seja, Belchior também acredita que a cidade tem uma participação maior na narrativa e com intenções definidas pelo seu narrador, não sendo apenas cenário objetivo e imparcial.

Machado faz uma denúncia social com uma construção mais complexa: através da criação de um personagem e de uma narração enviesada por este, faz a descrição e crítica à sociedade e ambiente cariocas oitocentistas. Quanto a isso, Faccioli coloca, sobre a narração do romance feita em primeira pessoa por Brás Cubas, que:

[...] passam a falar os humilhadores e ofensores de cima, completos de desfaçatez, hipocrisia e caprichos bárbaros do paternalismo, mesmo quando disfarçados por cara amena, e pródigos em camaradagem cínica. A sociedade brasileira (especialmente a que funcionava no Rio de Janeiro, capital do Império) passa a ser vista e narrada do alto, do ângulo das elites liberais, ou que consideram como tais, em geral narradores-personagens masculinos, brancos, letrados e ilustrados. (FACIOLI, 2008, p. 51)

Assim, em Lima Barreto, fica clara a ideia de que a cidade – e suas teorias urbanas – e os costumes constroem os personagens; o enredo se tornaria incompleto sem a constante ambientação feita pelo autor, sem descrições do subúrbio tão marcantes na obra. Em Machado, entretanto, o enredo e toda a descrição e crítica

da sociedade – feita sutil e ironicamente – desapareceria sem a personalidade marcante de Brás, afinal, a crítica feita em *Memórias póstumas*, por ser irônica, se constitui nas próprias ações de Brás. É Brás quem narra e por quem as mazelas sociais passam despercebidas, uma vez que na sua posição social, ele é indiferente a elas. As descrições urbanas e a percepção social passam pela visão do personagem e são direcionadas ao leitor de maneira satírica e irônica.

Os romances parecem ter um mesmo propósito: a denúncia do cotidiano e das formas de viver de certa classe social. A maneira como os dois autores fazem isso caminham em sentidos diferentes. Para falar com ironia da elite carioca em formação, Machado cria um personagem típico que sintetiza essa elite; para comentar a vida dos menos afortunados, Lima Barreto faz várias descrições dos costumes e dos espaços suburbanos. Mas em nenhum deles a descrição da cidade e dos ambientes aparece como cenário ou os costumes como meras ações cotidianas. Pelo contrário, cada ação e cada descrição urbana ou das habitações parece contribuir para a construção de toda narrativa proposta pelos dois autores.

Para a composição das nuances urbanas, os autores se apropriam de maneiras de ver e pensá-las. Nesse sentido, como foi mostrado, a presença da ideia difundida entre médicos, urbanistas e higienistas, principalmente durante o século XIX, do meio como formador do indivíduo – tema recorrente na literatura especializada – aparece nos romances analisados. Em Lima, principalmente, a relação entre meio e indivíduo é crucial nesse romance no qual o autor se concentra no estudo dos subúrbios e de seus moradores, sendo condutora de seus personagens e das suas possibilidades e destinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1988.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Lima Barreto. Prosa Seleta*. Organização Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BEGUIN, François. As máquinas inglesas do conforto. *Espaços & Debates*. São Paulo, nº 34, p. 39-54, 1991.
- BELCHIOR, Pedro. *Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto*. 2011. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011. 188f. Dissertação de Mestrado.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1994.
- FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankin – Edusp, 2008.
- MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o Estado e o Saneamento no Rio de Janeiro. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, vol. II, p. 51-67, jul-out 1995.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1973.
- MOISES, Massaud. *História da literatura brasileira*, vol. III, Realismo. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. *Brás Cubas autor Machado de Assis leitor*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

Recebido em 31.03.2015

Aceito em 02.06.2015